

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Christian Zacharias direção musical e piano

27 Mai 2022 · 21:00 Sala Suggia

TRIBUTO A HELENA SÁ E COSTA



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Leia o código QR e veja a entrevista com o maestro Christian Zacharias sobre o programa do concerto.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Otto Nicolai

Abertura da ópera *As Alegres Comadres de Windsor* (1849; c.8min)

Robert Schumann

Concerto para piano e orquestra em Lá menor, op. 54 (1845; c.32min)

1. Allegro affettuoso
2. Intermezzo: Andantino grazioso
3. Allegro vivace

2ª PARTE

Maurice Ravel

Valses nobles et sentimentales (1911, orq. 1912; c.16min)

1. Modéré — très franc —
2. Assez lent — avec une expression intense —
3. Modéré —
4. Assez animé —
5. Presque lent — dans un sentiment intime —
6. Assez vif —
7. Moins vif —
8. Epilogue (Lent)

Johann Strauss II

Annen Polca, op. 117 (1852; c.3min)

Abertura da opereta *O Morcego* (1874; c.9min)

Da opereta ao concerto: música orquestral dos séculos XIX e XX

O presente concerto apresenta reportórios variados que marcaram o seu tempo. Da ópera cómica alemã à estilização modernista da valsa, o programa transporta-nos por lugares, estilos e géneros muito diferentes. Tem início com a abertura de uma ópera cómica alemã de grande sucesso no início do século XIX. Nessa época, o Romantismo recriava as obras do dramaturgo inglês William Shakespeare de acordo com os novos valores. Da música orquestral ao palco operático, muitas obras inspiradas nas suas tragédias e comédias foram escritas na época. As contradições internas das personagens, a dúvida e a tragédia amorosa shakespearianas revelaram-se solo fértil para as ideias do Romantismo.

Otto Nicolai

KÖNIGSBERG (PRÚSSIA), 9 DE JUNHO DE 1810
BERLIM, 11 DE MAIO DE 1849

Abertura da ópera

As Alegres Comadres de Windsor

Otto Nicolai é uma figura singular. Compositor e director de orquestra, desempenhou um papel central na criação de concertos públicos em Viena, antecipando a instituição que se viria a estabelecer como Orquestra Filarmónica de Viena. Numa cidade em que a actividade musical se concentrava na corte, nas salas de música dos aristocratas e no teatro de ópera, Nicolai dirigiu concertos para novos públicos, recorrendo a músicos da orquestra da Ópera da cidade.

O Romantismo privilegiou enredos trágicos nas suas óperas. Contudo, *As Alegres Comadres de Windsor* é uma comédia de enganos sentimentais em torno de John Falstaff, cujas vaidade e libido o colocam como vítima de situações caricaturais. Apresentada em Berlim a 9 de Março de 1849, é uma ópera cómica em alemão que alia o sinfonismo germânico à verve humorística de compositores como Rossini. A abertura começa com uma introdução lenta, retirada do último acto da obra. As cordas graves apresentam uma melodia sob uma nota prolongada, antecipando um tema principal sinuoso. Uma pausa dramática conduz a uma transição baseada na repetição de notas. Outra melodia faz a sua entrada, em textura leve e de dança, interpolada por motivos que evocam o idílio campestre. A abertura, de cariz rapsódico, mistura motivos da ópera com uma melodia que aparece, exclusivamente, nessa peça, numa feliz interacção de elementos temáticos.

Robert Schumann

ZWICKAU, 8 DE JUNHO DE 1810

ENDENICH, 29 DE JULHO DE 1856

Concerto para piano e orquestra em Lá menor, op. 54

O piano dominou a música do Romantismo. Não admira que um compositor como Robert Schumann se tivesse dedicado ao gênero. Schumann estudou piano com Friedrich Wieck até um acidente o ter impossibilitado de tocar. Após várias tentativas incompletas de escrita de um concerto, o Concerto para piano foi estreado em Dresden, a 4 de Dezembro de 1845. A obra germinou a partir de uma fantasia para piano e orquestra iniciada em 1841. Após várias interrupções, durante as quais se dedicou à escrita de outras peças, o concerto foi terminado. Nele, Schumann tentou conciliar a organicidade de forma com a expressão da ambiguidade valorizada pelo Romantismo. Assim, criou uma obra ímpar e de grande coerência interna. Dividida em três andamentos, a presença de elementos recorrentes e a relação de materiais temáticos criam uma sensação de unidade formal. O recurso ao contraponto e a curtos motivos garante a narratividade da obra, num contexto de variedade e contraste. Estreado por Clara Schumann, este Concerto estabeleceu-se rapidamente como emblemático do Romantismo germânico.

Na época, Schumann recuperava de um momento depressivo, no qual acompanhou a sua mulher Clara em digressões pela Europa. Pianista e compositora destacada, Clara desempenhou um papel proeminente como intérprete de Schumann e, posteriormente, como editora da sua obra.

Robert Schumann baseou o “Allegro affetuoso” na Fantasia para piano composta

anteriormente. Iniciando com uma passagem que encarna o heroísmo romântico, com solos de instrumentos de palheta dupla, o andamento torna-se mais movimentado, chegando ao tema principal, de características *cantabile* e sonhadoras. A expressividade exacerbada e a abordagem elástica ao ritmo, conduzida pelo solista, intensificam-se com a transformação melódica e harmónica dos elementos temáticos. Uma abordagem camerística, em que o solista interage com outros solistas ou pequenos grupos instrumentais, mostra o interesse do compositor pelo contraste e pelo contraponto. Um longo desenvolvimento, marcado pela atmosfera de lamento, ganha forma através da intensificação gradual da instabilidade. Esta é enfatizada pela polaridade entre modos maior e menor. Uma paragem súbita recupera o material temático inicial, com algumas transformações. A reexposição introduz uma longa cadência em que o pianista mostra as suas capacidades expressivas e prepara a coda, uma marcha afirmativa.

A leveza do “Andantino grazioso” sublinha o seu melodismo, em que a ornamentação desempenha um papel estrutural. Em forma ABA, o andamento atribui primazia a alguns instrumentos da orquestra, que são acompanhados pelo piano, tornando o conceito de solista difuso, em algumas secções. O regresso da melodia inicial submerge o andamento em que pontifica um carácter sonhador e contemplativo.

Após uma breve transição baseada no início do primeiro andamento, ataca-se o final, um rondó-sonata animado. Nele, o refrão, inspirado pelo tema do primeiro andamento, é dirigido pelo solista, num percurso sinuoso por episódios e tonalidades. Texturas de marcha emergem como segundo grupo temático e a adição contrapontística de vozes ao refrão acentua o movimento, a caminho do final de uma obra marcante do panorama musical romântico.

Maurice Ravel

CIBOURE, 7 DE MARÇO DE 1875

PARIS, 28 DE DEZEMBRO DE 1937

Valses nobles et sentimentales

Maurice Ravel ocupa um lugar especial na música francesa. Inspirado pelo Simbolismo, incorporou elementos da modernidade popular, como o jazz, nas suas obras. Paralelamente, recorreu a modelos do passado ao longo do seu percurso. As *Valsas Nobres e Sentimentais* foram inspiradas em obras de Franz Schubert. Na década de 1820, Schubert escreveu duas colecções de valsas: as *34 Valses Sentimentales* e as *12 Valses Nobles*. Ravel sintetiza as características de ambas na sua obra. Escritas para piano e publicadas em 1911, foram orquestradas e destinadas ao palco no ano seguinte. A bailarina Natasha Trouhanova estreou a versão orquestral das valsas, no bailado *Adélaïde ou Le langage des fleurs*, com argumento do compositor. Nelas, Ravel emprega um estilo depurado e austero, que torna mais vivo com uma orquestração variada. Essa versão é, frequentemente, apresentada como *suite* nas salas de concerto.

A primazia do baixo e o timbre brilhante dominam a primeira valsa, pontuada pela percussão. Estilizando o ritmo de dança, Ravel inclui melodias ondulantes, cujos contornos são sublinhados pelos *crescendi* e *diminuendi*. Segue-se uma peça de textura vertical e carácter misterioso. Os instrumentos de sopro protagonizam as melodias, pontuadas pelo cromatismo e sustentadas pelas notas longas das cordas. O compositor emprega efeitos de eco numa miniatura em que a repetição de células dirige a atenção do ouvinte para os temas principais. A valsa seguinte é leve e brincalhona: os *pizzicatti* enfatizam a atmosfera lúdica em

que os jogos de pergunta-resposta entre instrumentos de sopro e de cordas ocupam um lugar destacado. O momento marcado “Assez animé” contrasta com os anteriores pela sua energia e movimento. O dinamismo das flautas, conduzindo as melodias principais, e a reorquestração constante de algumas células marcam a obra, que recupera a atmosfera da primeira valsa numa secção que privilegia motivos sinuosos. Seguidamente, Ravel escreveu uma peça que se afasta do universo das valsas. Uma nota isolada prepara a apresentação da melodia, numa textura rarefeita. O carácter saltitante de “Assez vif” encarna em melodias ondulantes associadas ao contraste dinâmico. Assim, cria-se a ilusão de um espaço sónico tridimensional, em que a música se aproxima e afasta do ouvinte. A valsa seguinte tem início com um momento misterioso e estático protagonizado pelos sopros. Nele, o cromatismo enfatiza algumas notas, preparando uma textura de valsa. De carácter rapsódico, contrapõe elementos contrastantes à valsa, terminando numa passagem cheia de brilho. A atmosfera misteriosa continua em “Epilogue”, uma passagem estática em que os naipes da orquestra trocam ideias. O recurso às surdinas transforma o timbre dos aerofones e prepara um curto episódio em textura de valsa. O regresso à atmosfera inicial conduz as *Valsas Nobres e Sentimentais* ao final.

Johann Strauss II

VIENA, 25 DE OUTUBRO DE 1825

VIENA, 3 DE JUNHO DE 1899

Annen Polca, op. 117

Abertura da opereta *O Morcego*

O som da música dos Strauss serviu de banda sonora aos últimos anos do Império Austro-Húngaro. Então, a opereta vienense e as danças sociais dominavam o entretenimento. Johann Strauss II destacou-se como compositor de música para dançar. Esse sucesso alimentou a sua carreira, que incluiu, posteriormente, a música de palco. Escreveu várias operetas, estabelecendo-o como uma referência no salão de baile e no teatro. A partir da década de 1850, o desgaste associado à direcção de uma atarefada orquestra foi notório na sua saúde, cedendo, parcialmente, o lugar ao seu irmão Josef. Um grande número de apresentações e digressões marcou essa altura, período áureo da orquestra.

A *Annen Polca* foi escrita em 1853, nessa temporada de azáfama. A introdução lenta e vertical encarna a elegância dos eventos sociais do Império. A melodia da polca, marcada pelas apojecturas, revela a graciosidade da dança. Uma secção intermédia pontuada pela percussão conduz a um trilo que antecipa a reexposição da melodia inicial leve e lúdica. Strauss interpola uma passagem em *crescendo* que conduz à reexposição final da polca.

A opereta *O Morcego* foi estreada no Theater an der Wien, a 5 de Abril de 1874, e a sua abertura rapidamente integrou os programas de concerto. O início brilhante da abertura capta a atenção do ouvinte. Escrita em torno de uma dança binária e de uma valsa, secções que dominam a peça, a obra apresenta as principais melodias da opereta. Passagens contrastantes

são interpoladas nos dois elementos principais, intensificando uma descontinuidade baseada em mudanças tímbricas e texturais, sublinhadas pelo cromatismo e pela ornamentação. A elegância e a leveza do baile vienense no prestigiado palco teatral da cidade.

JOÃO SILVA, 2022

Christian Zacharias

direcção musical e piano

Christian Zacharias destaca-se entre os maestros e pianistas da sua geração como alguém que procura o que está para lá das notas musicais, em interpretações elaboradas, detalhadas e claramente articuladas. Combinando o seu estilo único, íntegro, expressivo e profundo com uma personalidade carismática, é reconhecido não só como um dos grandes pianistas e maestros mundiais mas também como pensador musical. A sua carreira internacional floresceu através de inúmeros concertos aclamados com as principais orquestras do mundo e maestros de renome e de vários prémios e gravações.

Desde 2020, Christian Zacharias é maestro convidado principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, cargo que ocupa igualmente desde 2021/22 na Orquestra Ciudad de Granada. É também maestro associado da Orchestre National d'Auvergne (desde 2021/22) e maestro honorário da Filarmónica George Enescu em Bucareste (desde 2020/21).

A música dos períodos clássico e romântico, particularmente Haydn, Mozart, Beethoven e Schumann, é central no seu trabalho e dá forma aos compromissos que assume com a Orquestra Nacional de Lyon, as Sinfónicas de Gotemburgo e Bilbao, a Orquestra de Câmara de Lausanne e a Filarmónica de Estugarda.

São já raras as suas apresentações em recital, que o levam nesta temporada, uma última vez, a Paris, Madrid, Lyon e à Schubertiade, entre outras cidades e festivais.

Ao longo da sua carreira, estabeleceu laços profundos com a St Paul Chamber Orchestra, as Sinfónicas de Gotemburgo, Bamberg e Boston, a Orquestra de Câmara de Basileia e a Orquestra da Konzerthaus de Berlim.

Desenvolve também um interesse especial pela ópera, tendo dirigido produções de *La Cle-menza di Tito*, *As Bodas de Fígaro* (Mozart) e *La Belle Héléne* (Offenbach). Dirigiu *As Alegres Comadres de Windsor* de Otto Nicolai na Ópera Real da Valónia, em Liège, uma produção que conquistou o Prix de l'Europe Francophone 2014, atribuído pela Associação Profissional de Críticos de Teatro, Música e Dança de Paris.

Desde 1990, tem aparecido em vários filmes: *Domenico Scarlatti à Seville*, *Robert Schumann – der Dichter spricht* (INA, Paris), *Zwischen Bühne und Künstlerzimmer* (WDR-Arte) e *De B comme Beethoven à Z comme Zacharias* (RTS, Suíça). Gravou a integral dos concertos para piano de Beethoven (SSR-Arte).

As suas palestras “Porque é que Schubert soa como Schubert?” e “Haydn: Criação a partir do nada” deram ao público percepções impressionantes sobre a música destes compositores.

Entre os muitos prémios que tem conquistado destaca-se o Midem Classical Award 2007 para Artista do Ano. O Governo Francês atribuiu-lhe o título de *Officier dans l'Ordre des Arts et des Lettres* e o seu contributo para a cultura na Roménia foi também premiado, em 2009. Em 2016, foi nomeado membro da Real Academia Sueca de Música. É doutorado honorário da Universidade de Gotemburgo desde 2017.

Como maestro titular da Orquestra de Câmara de Lausanne, realizou gravações que conquistaram a crítica internacional. A sua integral dos concertos para piano de Mozart deu-lhe o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o ECHO Klassik Award. Destaca-se ainda a gravação da integral das sinfonias de Schumann.

Preside aos júris dos concursos Clara Haskil (desde 2015) e Geza Anda (2018), tendo dirigido neste último o concerto final.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Evgeny Makhtin*
Ana Pereira*
Emília Vanguelova
Maria Kagan
José Despujols
Ilanina Khmelik
Tünde Hadadi
Andras Burai
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Jorman Hernandez*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Lilit Davtyan
Domingos Lopes
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Nikola Vasiljev
Pedro Carvalho*

Viola

Anna Gonera
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Rute Azevedo
Emília Alves
Jean Loup Lecomte
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Sharon Kinder
Hrant Yeranosyan
Bruno Cardoso

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira

Fagote

Maria Castro*
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Dawid Seidenberg
Diogo Andrade*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*
Tomás Rosa*

Harpa

Ilária Vivan
Ana Aroso*

Celesta

Luís Duarte*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

